

Identidade e gênero na imigração judaica no sul do Brasil

Bruna Krimberg von Mühlen¹
Marlene Neves Strey²

Eje 4: Políticas de Identidad: entrecruzamientos de género, etnia, clase

Palavras-chave: identidade, gênero e judaísmo.

Resumo

Ao estudar povos que sofreram perseguições ao longo da história o enfoque dado pelos pesquisadores quase sempre é a experiência em si, o que é muito importante. Contudo a imigração, que geralmente é a consequência das perseguições, também tem uma conotação de experiência, muitas vezes marcada por um forte nível de stress de aculturação, raramente é focada. O significado da imigração para os judeus que sofreram perseguições ainda foi pouco explorado, e, portanto, pouco compreendido. Assim este trabalho uniu duas pesquisas realizadas durante o mestrado da primeira autora: A pesquisa da dissertação, que teve o objetivo de estudar as experiências de aculturação dos judeus europeus que sobreviveram ao nazismo, e outra pesquisa que o foco foram, além dos judeus que sobreviveram ao nazismo, os judeus que imigraram antes para o sul do Brasil (para o estado do Rio Grande do Sul). Como os estudos encontrados sobre judeus que sobreviveram às perseguições raramente têm um olhar para as mulheres, nesse trabalho buscamos analisar algumas experiências dos imigrantes sob o ponto de vista das relações de gênero. O objetivo foi analisar se havia diferenças e/ou semelhanças nas relações de gênero que os imigrantes acharam no Brasil em comparação com as relações de gênero em que estavam inseridos na Europa. Como resultados encontramos que a imigração pode levar à articulações de desigualdades, assim como de mudanças para igualdades, seja se tratando dos judeus que imigraram antes da Segunda Guerra Mundial, seja considerando os que imigraram por causa dela.

Introdução

Esta pesquisa partiu da constatação de que o contexto de migração impulsiona mudanças de atitudes, valores e identidade, entre outros aspectos, referentes às relações de gênero. Como ponto de partida para realizar esta pesquisa, tomamos a imigração judaica no sul do Brasil (Rio Grande do Sul), que iniciou no final do século XIX e foi intensificada com a Segunda Guerra Mundial no século XX, visto que a imigração dessa etnia é pouco estudada à luz das teorias de Gênero e Feministas.

Os primeiros imigrantes vinham principalmente da Europa, onde sofriam perseguições cruéis, perdendo desde sua família até as suas moradias e negócios que eram destruídos. Mas também vieram para buscar melhores condições de vida, visto que por sofrerem boicotes nos seus trabalhos, chegavam a passar fome, e frio. Já os que tinham uma boa qualidade de vida no fim do século XIX e início do XX, tiveram suas casas e bens gradualmente confiscados pelos nazistas nas décadas de 30 e 40, até perderem suas condições de cidadãos na Alemanha e depois, na Polônia, Holanda e na maioria da Europa.

Para os primeiros judeus imigrantes, o Brasil era um país atrativo, pois através de terras adquiridas pelo barão Hirsch, criador da *Jewish Colonization Association* (JCA) para estabelecer uma imigração organizada de judeus, poderiam construir suas casas e ter uma fonte de renda através da terra (Gutfreind, 2010). Assim, o Brasil foi um dos países

¹ Mestra/doutoranda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul

² Mestra/Doutora/Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul

escolhidos pela JCA. O começo se deu na província do Sul do Brasil, vista como adequada para o estabelecimento de colônias rurais, com terras férteis para agricultura, onde foram compradas terras para a criação da Colônia de *Philippson*, cerca de Santa Maria, e a de Quatro Irmãos, perto de Erechin (Cruz, 2009). O início dessa colonização foi em 1904, quando a colônia de *Philippson* recebeu os primeiros imigrantes (Gutfreind, 2009). Deste modo fugiam das perseguições antisemitas na Europa, sabendo-se que na Segunda Guerra foram alvo de intensa perseguição e aniquilamento (Póvoa, 2005).

A JCA adquiriu de início aproximadamente 5.767 hectares de terra na região de Santa Maria, distante a 25 km daquela cidade. Entre os anos de 1904 a 1924, a JCA formou uma segunda colônia agrícola além da de *Phillipson*, a Colônia Quatro Irmãos. Essa colônia foi uma experiência mais bem sucedida; nessa área, os colonos já demonstraram tendência melhor de adaptação para uma vida social judaica. Porém, devido ao sistema tutelar burocrato-filantropico da direção da JCA, impróprio para o desenvolvimento de empresa dessa natureza, e por falta de estímulo, os colonos de Quatro Irmãos começaram a emigrar para a cidade (Póvoa, 2005).

No Brasil, em 1937, a Constituição dizia no art. 2º, sobre a imigração, que a União tinha o direito de “*limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização*”. Após o fim da Segunda Guerra, o Decreto-Lei 7.967, de setembro de 1945, dizia no artigo 1º que “*Todo estrangeiro poderá entrar no Brasil desde que satisfaça às condições desta lei*” que eram segundo o artigo 2º “*Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência européia*” (Zamberlam, 2004). Em tempos de guerra, havia uma política imigratória antijudaica no Brasil, inspirado nas Cartas fascistas da Itália e da Polônia (Berdichewski, 2001).

O processo foi facilitado pelo fato de a maioria dos que conseguiram imigrar terem amigos ou familiares no Brasil. Contudo, apesar de não se comparar às perseguições antisemitas na Europa, a discriminação pelos judeus existiu no Brasil até meados de 45, quando o então Presidente Getúlio Vargas foi deposto do poder pelo golpe militar, e em 46 as leis mais rígidas de imigração foram atenuadas. Portanto, na imigração dos judeus de diversas nacionalidades para o Rio Grande do Sul, foi no novo espaço cultural que aconteceu uma nova construção social.

Estar em um país com uma cultura diferente dos seus países de origem, sobretudo naquela época, implicava se aculturar, adquirindo padrões culturais, e de gênero, do novo espaço, além de evidenciar que pessoas não nascem com uma identidade estagnada e sim ela é uma construção social que depende da cultura em que cada ser humano é inserido. Conceitos de o que é feminino e masculino podem tomar significados distintos em diferentes culturas, e podem também ser diferentes dentro de um mesmo grupo étnico, como o dos judeus de diferentes países de origem.

Segundo Neto (2002), gênero e cultura são fatores inter-relacionados e dinâmicos, que implicam retroações. Considerando que culturas distintas produzem resultados diferentes, em cada cultura pode haver variados incentivos comportamentais em relação à aprendizagem de gênero, clarificando o que é apropriado para homens e para mulheres. Por exemplo, enquanto uma cultura pode criar grandes diferenças entre os sexos, e incentivar a reprodução de práticas culturais associadas a papéis de gênero, outra cultura pode criar igualdade entre os sexos, havendo poucas diferenças nas práticas culturais.

Metodologia

Devido a idade avançada dos imigrantes, foi realizada uma pesquisa documental, através do contato inicial com o Instituto Cultural Judaico *Marc Chagall* (ICJMC), que tem um Departamento de Memória que preconiza a preservação da memória judaica a partir de entrevistas realizadas com imigrantes que vieram de diversos países da Europa para Porto Alegre. Tais entrevistas sobre a imigração são arquivadas em um Acervo de História Oral,

para que pesquisadores interessados em desenvolver estudos sobre essa etnia possam ter como base o Acervo do ICJMC. Através de depoimentos do acervo realizamos esse trabalho. Em nossa análise dos documentos foram tomadas todas as medidas, para assegurar a não identificação de nenhuma das pessoas cuja documentação foi lida, estudada e analisada.

Resultados

Nos depoimentos podemos observar questões referentes às novas construções sociais de gênero, além das dificuldades no processo de imigração:

- “(...) *Alguns anos passados eu e junto com um grupo de companheiros (...) conseguimos fazer a restauração do cemitério de Philippson (...). Inclusive o túmulo do meu pai está lá. (...). Foi uma homenagem assim, uma forma de nós agradecermos aos nossos pais, aos nossos avós, o que eles fizeram pela gente, os problemas que eles passaram, vindo lá da Europa para as terras assim completamente desconhecidas.*” – Filho de imigrantes russos.

As fronteiras das identidades étnicas podem se tornar mais flexíveis ou mais rígidas no processo de imigração (Poutignat ;Streiff-Fenart, 1998), como na fala seguinte:

- “(...) *Aquela situação de ser meio judeu e a de ser alemão começou a dificultar a minha vida aqui no Brasil... Me levaram, me prenderam, me colocaram num campo, não de concentração, mas de ilegais...*” – Alemão, imigrou em 1941 para o Brasil.

O antissemitismo tem sua origem nos primórdios da história da humanidade, Judeus nunca foram considerados socialmente desejáveis na época que Getúlio Vargas presidiu o Brasil (CAMATI, 2009), como observamos no recorte abaixo:

- “*Eu falei com um judeu que mora aqui no Brasil. Ele estava na guerra, na Rússia e ele conseguiu sair da Rússia... isso foi em 1941... E ele veio na época do Getúlio. E chegou na hora de entrar, e ele foi vetado, não deixaram ele entrar por ser judeu. Havia discriminação muito forte na época do Getúlio. Ele tem o documento que estava escrito que ele não pode entrar por ser judeu.*” - Filho de imigrantes.

A imigração pode levar ao desafio da cultura patriarcal quando observamos as questões das relações de gênero (Kosminsky, 2007). Como percebemos nos relatos dos seguintes imigrantes:

- “*Bom aí chegamos lá (colônias agrícolas da ICA), paramos lá naquele lugar, tinha casa grande, os imigrantes desceram e mulheres numa casa, homens noutra casa...*” – Imigrante Russo chegou ao Brasil em 1913.

Os conceitos de feminilidade e masculinidade podem assumir diferentes significados em diversas culturas e pode ser diferente dentro de um mesmo grupo étnico. As mulheres imigrantes se vêem ainda mais discriminadas por uma condição tripla de mulheres, imigrantes e trabalhadoras (Martinez et al., 1995) como no relato abaixo:

- “*Uma vez me perguntaram: Seu marido está doente? E respondi: – Não, por quê? – Porque a senhora está trabalhando. E eu debati: – Precisa meu marido estar morrendo para eu trabalhar?*”.

Abaixo observamos que gênero não pode ser pensado de maneira isolada, pois gênero se articula com outros eixos que também são determinantes, como a questão da classe social:

- “*Às vezes tínhamos comida demais, às vezes de menos, mas todos trabalhavam e nós procurávamos viver. Até 1939 que saiu a Segunda Guerra Mundial. (...) Se eu não tivesse sobrevivido, o nome (da família) teria desaparecido, porque nem um dos meus irmãos – (...) – ninguém, ninguém se salvou!*” – Polônês, imigrou para Porto Alegre em 1948.

As migrações impulsionam transformações de representações culturais e atitudes referentes ao gênero, como aconteceu com a neta dos imigrantes, já aculturada (pois antes eram apenas mães, hoje pais estão cada vez mais presentes):

- “*Eu trabalhei no colégio Idish, era círculo de pais e mestres, mas que naquela ocasião era só de mães...*” – Brasileira e neta de colonos de Philippson.

Geralmente, um migrante deixa o seu país à procura de uma vida melhor, como relata um imigrante polonês:

- “(...) *A ICA deu tudo. O que a gente ia perder? Trabalhar lá e trabalhar aqui, então, como diz a Bíblia, quando troca de lugar vai dar sorte, quem sabe?*” – Imigrante Polonês.

Já se tratando dos sobreviventes da Segunda Guerra, comparando as relações de gênero na Europa e no Brasil, as diferenças tem a ver tanto com a época em que estavam na Europa e depois no Brasil, quanto com o espaço geográfico e cultural. Na Polônia, por exemplo, a comunidade judaica era muito mais religiosa em comparação com o Brasil, e em comparação a outros países de sobreviventes entrevistados, como Alemanha. As mulheres dirigiam carros na América do Sul, mas não na Europa. Na Holanda, por exemplo, segundo relato de um sobrevivente, as relações sexuais eram para procriar apenas, diferente do que encontrou entre os jovens na América do Sul. Outra diferença é que na Europa as mulheres começaram a trabalhar fora de casa antes que no Brasil, pois aqui isso era ainda “mal visto” naquela época.

Conclusões

Constatamos que os imigrantes e seus descendentes passaram por um processo de aculturação no Rio Grande do Sul onde suas identidades étnicas e de gênero gradativamente ganharam novas marcas, a partir de uma nova construção social através dessa imigração internacional. Tanto na Europa, quando foram vítimas de perseguições e tiveram que imigrar, quanto no Brasil na época do Presidente Vargas tinham dificuldades de conseguir visto, os imigrantes foram sendo marcados por fatores externos.

Toda imigração implica em uma ação de aculturação, que pode ser definida como o processo de troca quando grupos e indivíduos de etnias diferentes - no caso judeus europeus de diferentes nacionalidades e brasileiros - passam por contato constante uns com os outros, e há conseqüentemente mudanças culturais nos indivíduos (Mühlen et al., 2010).

Sobre as questões de gênero, é interessante saber que na Polônia, antes da guerra de 1939, homens e mulheres trabalhavam para ter comida em casa. Em contraste, uma senhora imigrante ao ser vista trabalhando no Brasil foi questionada, implicando que para uma mulher trabalhar (fora de casa) só se o marido estiver muito doente.

Contudo, hoje no Brasil, felizmente há gradualmente mais consciência de igualdade de gênero, como no caso de reuniões de mães e pais serem realmente para homens e mulheres, e que trabalho fora de casa também é para homens e mulheres. Evidenciando que independente de questões de espaço e nacionalidade dos imigrantes, gradativamente os homens estão assumindo papéis considerados femininos, como ir a reuniões na escola de seu filho/a; e mulheres estão exercendo papéis considerados masculinos, como trabalhar fora de casa. Em conjunção com essas contínuas mudanças sociais já se percebe uma atenuação das desigualdades de gênero, com a esperança de erradicá-las.

Como quando comparamos presente e passado. Em 1913, no Brasil mulheres iam para uma casa e homens para outra, ao chegar à Colônia agrícola que iriam viver. Já na Polônia, antes da guerra em 1939, homens e mulheres trabalhavam para ter comida em casa. E mesmo recentemente, brasileira e neta de imigrantes vivenciou situações em que reuniões no colégio judaico que eram para pais e mães, por muito tempo só mulheres participavam. Em contraste, uma senhora imigrante ao ser vista trabalhando no Brasil foi questionada se o marido estava doente, implicando que para uma mulher trabalhar (fora de casa) só se o homem estiver muito mal.

Assim, compreender o caminho percorrido pelos imigrantes de etnia judaica que ajudaram a construir a história de países como o Brasil, sob a ótica de gênero, foi importante, pois possibilitou constatar que a categoria gênero não é apenas uma identidade ou papéis que aprendemos na infância, mas sim, algo que está em constante movimento influenciado pelo contexto de cada cultura. Como já havia constatado Kominsky (2004), a comparação dos imigrantes, de origem européia, que se fixaram de formas particulares na

mesma sociedade permitiu verificar a plasticidade do processo de aculturação do imigrante em toda a sua riqueza e variedade, além de aspectos únicos da sociedade receptora.

Para finalizar, as relações de gênero hierarquizam culturas e nações. Como a questão da utilização de perucas e roupas compridas – tido como questão de desigualdade que atingia mulheres ortodoxas judias na Polônia – evidencia tradições culturais de certos países, comum na Europa oriental, mas não na ocidental, nem no Brasil (Piscitelli, 2011).

Bibliografia

BERDICHEWSKI, Ivone Herz. "A adaptação, segunda parte: Terra gaúchas". In: Gladis W. Blumenthal (Ed.). **Em terras gaúchas: A história da imigração judaico-alemã** Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001. A adaptação, segunda parte: Terra gaúchas, p.39-60

CAMATI, Anna Stegh. Ser ou não ser judeu: Subversão de estereótipos raciais em o mercador de veneza de shakespeare. **Revista Letras**, n.77, p.57-68. 2009.

CRUZ, Natália dos Reis. A imigração judaica no brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. **Política e Sociedade**, v.8, n.15, p.225-250. 2009.

GUTFREIND, Ieda. A atuação da jewish colonization association (jca) no sul do Brasil:A colônia philippson. **Web Mosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.1, n.1, p.108. 2009.

_____. Imigração judaica no sul do Brasil: Pogroms na terra gaúcha? **Web Mosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.2, n.1, p.84-91. 2010.

KOSMINSKY, Ethel V. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: Mulheres judias em são paulo e em nova york. **Cadernos Pagu**, n.23, p..279-328. 2004.

_____. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: Dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. **Estudos Feministas**, v.15, n.3, p.773-804. 2007.

MARTINEZ, Ana Sabaté, MOYA, Juana Maria Rodriguez, *et al.* **Mujeres, espacio y sociedad: Hacia una geografía de género**. España: Síntesis. 1995

MÜHLEN, Bruna Krimberg von, DEWES, Diego, *et al.* Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: Uma revisão de literatura. **Ciência em Movimento** n.24, p.59-68. 2010.

NETO, Félix Fernando Monteiro, **Psicologia Intercultural**. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne, Eds. **Teorias da etnicidade: Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de fredrick barth**. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp. 1998.

PÓVOA, Carlos Alberto. Da argentina para o brasil: A imigração organizada dos judeus. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina 12035-12051 p. 2005.

ZAMBERLAM, Jurandir, Ed. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, p.179ed. 2004.
